

Territorialidades transbordadas: O corpo mineiro na performance 'Bacia hidrográfica'



Laura de Paula Resende

lauraresende7@gmail.com

Laura Resende é atriz, performer, arte-educadora e iluminadora. Formada em Teatro -(licenciatura) na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), atualmente é mestranda no Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da mesma Universidade, no qual possui bolsa de pesquisa CAPES. Tem se dedicado a pesquisar iluminação cênica e teoria das cores, tema de sua dissertação, assim como vem realizando trabalhos autorais com pesquisas artísticas voltadas para a área de performatividade, arte urbana e territorialidade com artistas parceiros por meio do Grupo Balde.

Territorialidades transbordadas: O corpo mineiro na performance ‘Bacia hidrográfica’



Na inquietude presente no primeiro semestre de isolamento social devido à pandemia de COVID-19, o corpo estático e ainda com certas expectativas chamava para a criação. A concepção da performance *Bacia Hidrográfica* se dá em um momento de aprofundamento nos estudos realizados sobre o espaço, somado às leituras decoloniais que instigam a reflexão sobre a formação sócio-histórica do Brasil, mais especificamente, quanto à formação do estado de Minas Gerais. Estas investigações impulsionam um primeiro passo para a criação da performance elaborada em formato de vídeo-performance. Trata-se de um jogo de palavras que mistura cotidiano e paisagem materializados na imagem de uma bandeira afogada aos poucos dentro de uma bacia que transborda água incessantemente.

Memórias entrelaçadas

Embarrelados, intoxicados, atolados, afogados. Estas são características que podem nos vir a mente quando pensamos no território de ocupação das Minas Gerais, desde a formação dos primeiros vilarejos até os

dias atuais, onde o espaço carrega a recente memória de crimes ambientais. Características ligadas diretamente a acontecimentos já vivenciados por corpos que habitam Minas Gerais.

A partir destas colocações, busco neste desdobrar meus incômodos e reflexões sobre o espaço que ocupo e sobre os impactos que trago em meu corpo e que possuem estreita relação com a terra em que nasci e ainda resido. Em um primeiro movimento de busca pessoal, em minhas memórias e vivências, deparei-me com a questão das águas que, nas lembranças mais cruas de minha infância, faziam-se presentes como algo receoso.

Nessa época, quando ainda morava em Uberaba, cidade na qual nasci e vivi até meus 19 anos, lembro-me de sempre temer as chuvas. Não era um medo do fenômeno em si, mas um temor das consequências que viriam com ela. Não havia estado imersa em tais consequências até minha adolescência; no entanto, enquanto passava a tarde na casa de minha avó, temia por meus tios que trabalhavam na região central da cidade, pois me contavam que a área sofria com enchentes sempre que chovia em grande quantidade.

Considero essa memória uma das primeiras manifestações em que as características do lugar em que eu habitava se materializaram em meu corpo e, mais tarde, pude compreender fisicamente as questões que

surgiram a partir deste ponto.

Conhecida como cidade das sete colinas, Uberaba possui seu centro localizado na parte baixa da cidade, onde corre um rio canalizado por debaixo da avenida principal. Os bairros que cresceram no entorno deste centro foram construídos na parte alta da cidade, de maneira não planejada, em cima das sete colinas. A falta de planejamento urbano, da construção de bueiros e de um sistema de escoamento de água, somados ao fato de o rio ter sido totalmente coberto pela avenida, faz com que a água das chuvas mais intensas escorra pelos bairros e chegue rapidamente ao centro da cidade, ou ao rio asfaltado, como prefiro imaginar.

Esta percepção bastante comum aos moradores de Uberaba não me era assimilada ainda na infância, mas eu a vivia. Sem entender a estrutura espacial da cidade, associava os rogos de minha avó e seu medo da chuva como algo rotineiro, que fazia parte do que éramos. A chuva deveria ser temida sempre, pois me aproximava de uma série de consequências que poderiam atingir minha família.

Com essa ideia, permaneci tensa diversas vezes enquanto observava a enxurrada se alargando na rua de minha casa sempre que chovia, buscando de certa forma idealizar o que haviam me dito e imaginar o caminho da água daquela enxurrada até o centro da cidade. Foi

assim também no dia em que meus tios chegaram do trabalho mais tarde do que o habitual porque a moto que utilizavam tinha sido arrastada pela água.

Recordo que um tempo depois, um pouco mais consciente das coisas, vi a imagem do prefeito no jornal anunciando com orgulho que a prefeitura havia instalado um sistema de alarmes de enchente. Basicamente, o sistema consistia em sirenes instaladas pelas ruas do centro que eram acionadas pelo corpo de bombeiros sempre que uma chuva forte se aproximava. Desta forma, as pessoas poderiam correr em busca de abrigo e também retirar seus veículos das ruas mais atingidas. Mas a enchente continuava.

Já adulta, mudei-me para São João del-Rei com o objetivo de estudar teatro na Universidade. Apesar das diferenças de clima, vegetação, hábitos, cultura, entre outras variações características do lugar, defronto-me novamente com a questão da água.

Na primeira semana em que eu havia chegado na cidade, ao retornar para minha casa no bairro Dom Bosco, no alto de um morro, deparei-me com uma chuva intensa e que se alastrou de forma repentina, sem nem deixar indícios de que estava por vir. Caminhei na tentativa de chegar o mais rápido possível em um lugar no qual eu pudesse me abrigar, mas, em dado momento, o fluxo de águas que escorria pela rua e invadia as calçadas me

deixou imobilizada em um canto qualquer, onde pude me agarrar à uma barra de metal, segurar minha bicicleta junto a mim e tentar permanecer segura. As enxurradas que eu observava temerosa quando criança se entrelaçam com as memórias desse momento. A água estava lá quase por me levar ou levar os meus.

Apesar das diferentes características estruturais das cidades mineiras, penso que na maioria delas há uma certa unidade. Como se houvesse um imaginário comum que percorre as realidades de quem habita Minas Gerais. Nossos corpos se mostram enrijecidos e atentos. Aprendemos a reagir a alguns sinais que nos são ensinados desde a nossa infância, mesmo que de forma indireta.

Estamos cheios d'água. Dos grandes rios abastecedores aos riachinhos e córregos que passam despercebidos por debaixo do asfalto ou em vielas canalizadas nas cidades mineiras. Despercebidos até o momento de alto volume de chuvas que, para além de um sinal divino, aqui também anuncia a tragédia que se repete ano após ano sem solução. A população mineira teme o período de chuvas por seu impacto destrutivo, a água passa arrancando e levando tudo o que há pela frente.

A bacia hidrográfica e o cotidiano doméstico

Lugar de sufocamento das águas doces, sufoca agora como consequência a sua própria gente. É a água marcando seu território, mostrando sua força natural e seu fluxo ignorado pelo concreto.

Em quais lugares essas memórias d'água se entrelaçam? Que tipo de territorialidade estamos construindo? Quais vivências nossos corpos carregam? É pensando nessas questões e nas possibilidades de transpor uma indagação, de expor essa corporeidade carregada de memória, que surge a performance intitulada *Bacia Hidrográfica*. A ideia é que estas interrogações pudessem dar suporte para possíveis leituras e reflexões sobre questões estruturais complexas que transbordam em mim e possivelmente transbordem de forma semelhante em outros habitantes do estado de Minas Gerais.

Criada durante o primeiro semestre de 2020, no período de isolamento social devido à pandemia da Covid-19, a performance foi primeiramente apresentada como um experimento realizado com materiais presentes no cotidiano do lar. Na busca por unir a poética que há no ambiente doméstico com as possíveis formas de expressão que cabiam no isolamento, foi gravado um vídeo com a imagem de uma bacia de plástico branca posicionada debaixo de uma torneira. Dentro da bacia havia uma

camiseta com a bandeira de Minas Gerais estampada. A torneira era aberta e o vídeo seguia por alguns minutos até o momento em que a água transbordava o espaço da bacia e derramava no chão. O vídeo foi publicado em minha rede social¹.

No início de 2021, quase um ano após o registro da primeira experimentação, ainda distantes de uma retomada às atividades de forma presencial devido ao agravamento da pandemia, a performance ganhou uma regravação e novos elementos foram inseridos. Desta vez, como havíamos adquirido conhecimento sobre as formas de propagação do vírus e estratégias para se proteger, foram pensados novos arranjos possíveis para realizar uma nova gravação em ambiente externo ao doméstico. Neste processo de regravação, o Grupo Balde foi um importante meio de articulação de novos elementos que contribuíram para a performance. Trata-se de um grupo criado na cidade de São João del-Rei que tem por objetivo pesquisar artes da cena e trabalhar de forma independente. Atualmente, além de minha participação, o grupo é formado por mais dois artistas: Geraldo Saldanha e Isabela Francisconi.

No processo de inserir outros signos que remetessem ao que é característico do estado e que pudessem valorizar a estética da obra, os integrantes do Grupo Balde pensaram de maneira coletiva sobre

¹ https://www.instagram.com/p/B-nJWO_FcQF/
(último acesso em: 22/02/2022)

possíveis arranjos para a performance.

A bacia de plástico foi substituída por uma de metal, para que o momento da performance em que a água transborda pudesse ser mais visível. O espaço dos trilhos ferroviários foi escolhido como lugar para, além de dar ambiência à performance, trazer referências que de certo modo permeiam o imaginário comum sobre o que é Minas Gerais, sobre o que é ser mineiro e sobre o que isso carrega (Figura 1).



Figura 1. Registro da performance Bacia Hidrográfica. Foto: Priscila Natany.

Além destas referências estéticas e espaciais que deram corpo à obra, algumas ações foram inseridas como provocações. O objetivo foi dar movimento ao trabalho e sugerir parte de minhas vivências e afetações, além

de provocar reflexões sobre o peso das imagens e suas possíveis significâncias.

Deste modo, após o momento em que a água é despejada na bacia e começa a transbordar, mãos aparecem para lavar a bandeira que, contraditoriamente, quanto mais se esfrega, mais se suja (Figura 2).

A água que transbordava cristalina agora aparece turva e barrenta, deixando marcas no tecido. A



Figura 2. Registro da performance Bacia Hidrográfica Foto: Priscila Natany.

bandeira que foi em vão esfregada na tentativa de quem inquietamente busca limpá-la é estendida em cima dos trilhos. A performance se encerra.

O conjunto de objetos que compõe a performance foram escolhidos a partir de reflexões que buscavam

relacionar objetos cotidianos com vivências específicas, a fim de deslocar a ideia que se tem sobre determinados objetos e ações para questões mais amplas e que atravessam nossa percepção do espaço e do território que habitamos.

O que se pretende com este trabalho, que possui temática evidenciada em trabalhos de outras linguagens artísticas e discussões urbanísticas e geográficas, é questionar não só a problemática que envolve a questão estrutural da ocupação do espaço urbano e da falta de planejamento, mas, de certa forma, dar voz às memórias tão semelhantes de quem vive ou já viveu em Minas Gerais. Buscar a partir da estética que junta elementos simples e precários evidenciar as corporeidades compartilhadas em memórias entrelaçadas sobre a água.